



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de reflexión

2016

Mônica Medeiros Kother Macedo, Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn
& Silvio Augusto Lopes Iensen

SUJEITO, DORES E AMORES OU O PORQUÊ DA PSICANÁLISE (AINDA).

Revista Affectio Societatis, Vol. 13, N.º 25, julio-diciembre de 2016

Art. # 8 (pp. 170-191)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

SUJEITO, DORES E AMORES OU O PORQUÊ DA PSICANÁLISE (AINDA)

Mônica Medeiros Kother Macedo¹

Universidade católica de Rio Grande, Brasil

monicakm@pucrs.br

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn²

Universidade católica de Rio Grande, Brasil

carolfalcao@yahoo.com

Silvio Augusto Lopes Lensen³

Centro Universitário Franciscano Rio Grande do Sul, Brasil

silvioiensen@gmail.com

SUJETO, DOLORES Y AMORES O PORQUÉ EL PSICOANÁLISIS (TODAVÍA)

Resumen

Las demandas de la clínica psicoanalítica actual convocan al psicoanalista a repensar las condiciones de su trabajo. La reflexión sobre las vicisitudes del devenir cultural es fundamental en la comprensión de sus efectos sobre el sujeto de la contemporaneidad. A partir de la identificación con el legado de Freud, se utiliza la propuesta de André

1 Psicóloga, psicanalista, Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS. Porto Alegre/ Rio Grande do Sul. Brasil.

2 Psicóloga, psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica. Doutora em Psicologia pela PUCRS. Professora do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS. Membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Porto Alegre/ Rio Grande do Sul. Brasil.

3 Psicólogo, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS. Doutor em Psicologia pela PUCRS. Professor do Centro Universitário Franciscano – (UNIFRA). Santa Maria / Rio Grande do Sul. Brasil.

Green acerca de la consolidación de un proyecto contemporáneo para el Psicoanálisis como fundamental recurso de enfrentamiento de la crisis actual vivida por los psicoanalistas. Se cree que el Psicoanálisis, en su especificidad, puede enfrentar el

reto de (re)crear herramientas de escucha y de intervención sobre los padecimientos del sujeto contemporáneo.

Palabras clave: Psicoanálisis, sujeto, pensamiento clínico.

SUBJECT, PAINS, AND LOVES, OR WHY PSYCHOANALYSIS (STILL)

Abstract

The particularities of affliction-related needs found in our current psychoanalytical clinic call upon psychoanalysts to rethink the conditions of their work. Thinking about the vicissitudes of the cultural becoming is essential to understand its effects over the contemporary subject. Through Freud's legacy, we make use of André Green's proposal on consolidating a contemporary project for Psychoanalysis as an essential resource

to face the current crisis experienced by psychoanalysts. We subscribe to the proposition of clinical reasoning, because through it we believe that Psychoanalysis, mindful of its specificity, will be able to face the challenge of (re)creating the tools of listening and intervening on the contemporary subject's afflictions.

Keywords: psychoanalysis, subject, clinical reasoning.

SUJET, SOUFFRANCES ET AMOURS OU POURQUOI LA PSYCHANALYSE (ENCORE)

Résumé

Les demandes de la clinique psychanalytique actuelle mènent le psychanalyste à repenser les conditions de son travail. La réflexion sur les vicissitudes du devenir culturel est fondamentale pour la compréhension

de ses effets sur le sujet contemporain. Basé sur l'héritage freudien, cet article se sert des exposés d'André Green à propos de la consolidation d'un projet contemporain pour la psychanalyse en tant que ressource

fondamentale pour faire face à l'actuelle crise vécue par les psychanalystes. La psychanalyse, dans son spécificité, peut faire face au défi de (re)créer des outils d'écoute et d'intervention dans les souffrances du sujet contemporain.

Mots-clés : psychanalyse, sujet, pensée clinique.

Recibido: 18/12/15 • Aprobado: 15/02/16

As particularidades das demandas dos padecimentos presentes na clínica psicanalítica atual, denominadas comumente de *novas psicopatologias*, convocam o psicanalista a repensar as condições de seu trabalho. Desse modo, as inquietações e os questionamentos sobre as modalidades de compreensão e intervenção frente a esses padecimentos podem concorrer para ampliar o alcance e os recursos técnicos da Psicanálise. Para tal, torna-se fundamental recuperar o que está no fundamento da ciência psicanalítica: seu caráter de incompletude, característica que nunca foi um problema para seu fundador. De fato, já em 1923, escrevia Freud (1976b) que:

A Psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias (p. 269).

Nessa perspectiva, as subjetivações contemporâneas e suas expressões de mal-estar, necessariamente distintas do mal-estar moderno, cenário de nascimento da Psicanálise, exigem do *corpus* psicanalítico um fundamental trabalho de transformação. Este artigo tem como objetivo promover reflexões sobre a vigência e a renovação da Psicanálise, considerando-as intimamente ligadas ao trabalho de produção de conhecimento por parte de psicanalistas contemporâneos. Para tal, é fundamental a identificação com a capacidade interrogativa de Freud como genuína função catalisadora da potência da Psicanálise. A partir de um percorrido teórico sobre a subjetivação contemporânea e de sobre a produção de padecimento psíquico, ancoradas no exame das condições sociais e históricas que as acompanham, apresentam-se contribuições de psicanalistas contemporâneos que permitem identificar movimentos criativos em relação ao campo teórico-clínico. Nessa linha de argumentação, destacam-se os fecundos aportes de André Green, os quais contribuem para o reconhecimento do necessário trabalho criativo dos psicanalistas na construção de um projeto contemporâneo para a Psicanálise, frente aos desafios e impasses que a ela se apresentam.

Como bem destaca Hornstein (2013) a respeito do necessário movimento de abertura da Psicanálise à exploração de novos continentes, “quando se advertem signos de esgotamento do discurso psicanalítico, recordemos que o espírito da época não nos pertence, senão que nós lhe pertencemos” (p. 15). Logo, no intuito de manter a vigência da Psicanálise como teoria, método e técnica, cabe o reconhecimento de que “a Psicanálise não é uma ilha. É uma prática entre outras, que as afeta e pelas quais é afetada. Mais do que inserir a Psicanálise na cultura, trata-se de reconhecer o óbvio. Está inserida!” (Hornstein, 2013, p. 15).

Compreender as vicissitudes do dever cultural é fundamental para compreender seus efeitos sobre o sujeito da contemporaneidade, não porque ele é um produto cultural, mas pelo fato de que, desde a perspectiva psicanalítica, ele é um produtor de cultura. Assim, naquilo que produz o sujeito evidencia fragilidades e recursos do si mesmo.

Pós-modernidade e o sujeito da contemporaneidade

De acordo com as proposições teóricas de Bauman (2011), na passagem do século XX, deu-se a ruptura da então vigente Sociedade de Produção para a consolidação de uma Sociedade de Consumo. Além disso, para o autor, operou-se uma fragmentação da vida humana. Se antes, inspirados na proposta sartriana, era fundamental aos sujeitos construir um projeto de vida e segui-lo com afinco, atualmente é impossível saber o que se passará em um ano, tamanha a volatilidade que a vida contemporânea adquiriu. Da mesma forma, as experiências coletivas estão, cada vez mais, sendo substituídas por experiências individuais. O desafio da pós-modernidade refere-se, assim, a uma criação e recriação permanente da identidade, já que os seus paradigmas sustentadores variam e modificam-se intensamente.

Baseando-se nos estudos freudianos sobre a cultura, Bauman (2011) compreende que a satisfação e a felicidade humana só podem ser obtidas na interação de dois valores indispensáveis: a segurança e a liberdade. É necessária a existência dos dois, pois “segurança sem li-

berdade é escravidão; liberdade sem segurança é um completo caos” (Bauman, 2011). Para o autor, o desafio da humanidade é encontrar um equilíbrio entre estes dois valores, o que ainda não foi alcançado na História. De fato, o autor duvida da existência de uma solução perfeita para esse dilema entre segurança e liberdade, ou seja, para a ambivalência própria à civilização.

Constata-se que, se, na modernidade, o homem sofreu por entregar demasiadamente sua liberdade em prol da aquisição de alguma segurança, como destacou Freud (1976c) em *O Mal-estar na Civilização*, na contemporaneidade, o dilema é exatamente o oposto: renunciou-se totalmente à segurança para a obtenção da liberdade. Da renúncia à segurança, instaurou-se a instabilidade, característica tão premente na contemporaneidade (Bauman, 2011).

Assim, pode-se afirmar, conforme Millan (2002), que o pós-moderno se caracteriza “pelo fato de ter sepultado, de uma vez por todas, os remanescentes do arcaico, os resíduos de um passado que o moderno ainda lograra conservar. O próprio passado perde o sentido, juntamente com a historicidade e a memória coletiva” (p. 52). Assim, o que é pós-moderno refere-se ao privilégio da mudança e do heterogêneo, da desconfiância dos discursos universalizantes, da vivência do efêmero, do fragmentário, do caótico, instabilidade da linguagem e dos discursos, sem qualquer legitimação do passado (Dockhorn & Macedo, 2008).

A sociedade pós-moderna, marcada pelo consumo, é orientada pela sedução, pelos quereres voláteis e desejos crescentes. A convocatória é a de estar sempre pronto, ter a capacidade de aproveitar a oportunidade no instante em que ela se apresentar, desenvolver novos desejos para as novas seduções que serão sempre indispensáveis (Macedo & Dockhorn, 2009). Há uma crescente mercantilização de todos os domínios da experiência humana. De fato, conforme destaca Homem (2003), o sujeito cede à lógica mercantil e consumista os territórios outrora privatizados de seu corpo e sua “alma”, isto é, seu mundo interior: esforça-se em tornar o seu corpo o espelho dos modelos vendidos como perfeitos e idealizados, “enquanto sua ‘alma’ vaga dos psicofármacos aos livros de auto-ajuda, do programa midiático

de TV ao redemoinho alienante da indústria do entretenimento, em busca de alguma paz ou anestesia, hoje quase sinônimos” (p. 3).

A dialética do desejo e da falta mostra-se, assim, sem consistência: enquanto ela deveria permitir ao sujeito deparar-se com o vazio, possibilitando o despertar do desejo, o que ocorre é uma necessidade contínua de pôr fim à falta, instaurando um novo objeto, novo produto, novo falo que bloquearia qualquer alusão ao vazio. Ainda segundo a reflexão de Homem (2003), reside aí “o aspecto mais árduo da descartabilidade, já que obriga o sujeito a acorrentar-se a inúmeros objetos, acabando por não exercer seu desejo que, paralisado e perdido, coloca-o no lugar de não-ser” (p. 4).

Logo, vive-se uma época de vasto perigo à autonomia. Conforme analisa Bauman (2011), se antigamente o perigo era oriundo da vigência do totalitarismo, na contemporaneidade, ele é oriundo da diluição dos espaços privados e da expressão pública daquilo que cabia apenas à esfera da intimidade.

É fundamental, todavia, que não se confunda essa expressão pública do privado com um aumento de trocas entre os sujeitos. Como destaca Birman (2012), a cultura contemporânea é erguida na base do narcisismo e do individualismo. A proposta é a de que a alteridade é um risco uma vez que o outro é tido como potencialmente rival. Também, ao abordar as características das relações humanas contemporâneas, Maia (2003) ressalta o quanto “os laços afetivos precisam gerar prazer imediato e, quando por ventura aparece qualquer ameaça de sofrimento, o outro é descartado rapidamente para preservar a ilusória sensação de felicidade –atributo fundamental e irrevogável das individualidades contemporâneas” (p. 78).

Nesse sentido, Bauman (2011) afirma que os laços humanos são atualmente organizados desde a perspectiva das redes, as quais são mantidas pela facilidade de conexão, e, principalmente, pela facilidade de desconexão. Se, na modernidade, os laços estavam organizados sob a ideia de comunidade (a qual prescindia do sujeito), na atualidade, eles estão organizados sob a égide da virtualidade e das redes *on line*.

O autor já havia descrito o quanto são vigentes as “facilidades” de comunicação na contemporaneidade, destacando que “a distância não é mais obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos de proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes” (Bauman, 2004, p. 82). O espaço da virtualidade brinda ao sujeito a possibilidade da proximidade distanciada, limitada, controlada. Aliás, a exigência de habilidades decorrentes das vivências de permanência ou de intimidade parece ser um problema a ser evitado.

Não é, contudo, somente em relação ao tipo de investimento quanto ao outro que se percebe, na contemporaneidade, o predomínio do distanciamento. É preciso constatar, ainda, a existência desse afastamento do sujeito também em relação ao si mesmo. Como destacam Macedo e Dockhorn (2009), há, incontestavelmente, uma intensa repulsa ao desamparo, cujo efeito se percebe na crença e sustentação de ilusórias condições de “compra” da felicidade. De fato, as próteses para o vazio do desamparo são, continuamente, ofertadas por um mercado, no qual o homem se presentifica como a mercadoria mais fluida e mutável.

São, ainda, inegáveis as constatações das “estratégias” intensamente utilizadas a fim de mascarar ou desmentir os efeitos do distanciamento do saber de si, dos valores éticos, da vivência de alteridade. O movimento autorreflexivo parece ter cedido espaço a práticas que apontam mais o *ter* do que propriamente o *ser* e, diante de tal fenômeno, questiona-se qual a mais precisa descrição da subjetividade nos tempos atuais.

Pode-se afirmar, portanto, que, na passagem da modernidade para a pós-modernidade, algo da ordem do sujeito e do desejo se transformou radicalmente. Nessa esfera de radicalidade, a propagação em onda dos efeitos decorrentes dessa condição faz com que o desejo não seja mais visto pelo sujeito como um importante instrumento de modificação e reinvenção de si mesmo, da ordem social e do mundo. Ao contrário, as vicissitudes contemporâneas do desejo apontam para uma direção exibicionista e autocentrada, na qual o es-

paço de intersubjetividade torna-se esvaziado e desinvestido. É como se o sujeito, mesmo cindido pela existência do Inconsciente, insistisse em se apresentar como um único, um bloco padronizado que precisa despertar fascínio no olhar de um outro e pode manter-se à parte de situações conflituosas que ponham em xeque sua condição de ser. As partes em desacordo com a *performance* ficam desmentidas, cindidas e não reconhecidas como integrantes do si mesmo. Há uma exaltação do Eu que, ao contrário de um trabalho psíquico que vise à apropriação de ser, coloca-o no centro de um palco a desempenhar freneticamente um papel que pretende responder a uma convocatória exibicionista, a expor uma pseudopotência, encobridora de sua efetiva – e inevitável – condição de desamparo (Macedo & Dockhorn, 2009).

Assim, como destaca Birman (2009), o sujeito da atualidade é mais afetado pelos efeitos de demandas típicas da centralização do Eu. O autor enfatiza que a condição do sujeito atual é a mesma que marca o sujeito em sua origem – a problemática do desamparo. Nessa modalidade de relação, o sujeito parece evitar viver compromissos afetivos mais intensos por temer os efeitos de rupturas e perdas advindos da constatação das precárias condições de enfrentamento das adversidades passadas no campo intersubjetivo. Ainda conforme Birman (2006), esse modelo de subjetividade surge como tentativa de lidar com o desamparo, conduzindo ao incremento da individualidade, do narcisismo, da violência e da crueldade.

Em seu ensaio sobre o sujeito na contemporaneidade, Birman (2012) apresenta as dimensões de espaço e de tempo como os dois eixos organizadores de toda a experiência humana. Segundo o autor, a contemporaneidade está marcada pela predominância do registro do espaço sobre o do tempo.

A espacialização das experiências humanas provoca como resultado uma economia psíquica do traumático, uma vez que, se a categoria tempo está retirada, então os processos de simbolização não ocorrem. Para Birman (2012), na medida em que se perdem os registros de passado, presente e futuro, o sujeito fica preso à economia da dor, incapaz de metabolizar e inscrever suas experiências subjetivas (Dockhorn, 2013).

Por isso, o sujeito da contemporaneidade é caracterizado pela predominância da dor. Ao estar impossibilitado de transformar sua dor em sofrimento, o sujeito permanece preso a uma condição de desalento (Birman, 2012). Afinal, a

{...} dor é uma experiência em que a subjetividade se fecha sobre si mesma, não existindo lugar para o outro no seu mal-estar. Assim, a dor é uma experiência solipsista, restringindo-se o indivíduo a si mesmo, não revelando nenhuma dimensão alteritária (Birman, 2006, p. 191).

É nesse sentido que, ao descrever o sujeito da contemporaneidade, Maia (2003) destaca que “nessa imagem social construída para o sujeito, não existe lugar para afetos humanos básicos: a angústia e a tristeza são banidas do ideário pós-moderno” (p. 78). Para a autora, diante da ameaça de enfrentamento desses afetos, o sujeito lança mão dos mais diversos dispositivos medicamentosos para anestesiá-los. Não é à toa que os padecimentos atuais têm na carne e no ato a evidência de sua dramaticidade: a drogadição, os transtornos alimentares e os crescentes índices de suicídios. Maia (2003) entende, portanto, que o sujeito pós-moderno é um sujeito adicto. A autora refere-se não apenas ao dependente químico (que tem no trato com a substância não uma busca pelo desejo, mas um aprisionamento pela premência da necessidade), porém, sobretudo, a “figura de linguagem que, no âmbito social, diz respeito a esse ser guloso, impaciente, irritadiço, que precisa ingerir qualquer coisa –sapatos, bebidas, carros, roupas, imagens televisivas, Viagras, Lexotans– para aplacar seu mal-estar” (Maia, 2003, pp. 77-78). Se sempre é preciso uma nova dose para alcançar a euforia, confundida com prazer, também é sempre necessário chegar mais perto do ideal inalcançável. Daí o adicto estar sempre insatisfeito. É preciso mais e mais. Os transtornos alimentares, tão avassaladores, apontam, segundo a autora, para essa mesma direção. Busca-se o corpo das capas de revista, ainda que se saiba que eles não existem sem antes passarem pelo tratamento dos audaciosos programas de computador.

Nessa linha de reflexão a respeito das condições do Eu, assinala Hornstein (2013) o que denomina como “*in-consistência do Eu*”, ou seja,

predomínio nas demandas da clínica de “comportamentos autodes-trutivos, de somatizações, da instabilidade das relações com o outro, da impulsividade, da automutilação, dos sentimentos de vazio, das cóleras discordantes, das ideias de perseguição ou dos sintomas dissociativos” (p. 123). Para o autor, as depressões são a expressão desse narcisismo contemporâneo adoecido. Enfatiza, ainda, a necessidade de expandir a clínica psicanalítica de tal forma que essa opere, também, no território da patologia que representa, em uma incidência impressionante, os padecimentos da pós-modernidade (Hornstein, 2008).

Considerando o mal-estar contemporâneo, Birman (2012) propõe que ele se inscreve em três registros psíquicos: do corpo, da ação e da intensidade. Por sua vez, os registros do pensamento e da linguagem já não são mais os eixos organizadores do mal-estar, como foram na modernidade. De fato, os três registros apontados por Birman (2012) referem-se às vicissitudes da intensidade pulsional que não encontra vias de trâmite psíquico. Resta, então, a passagem ao ato. As toxicomanias, as doenças psicossomáticas, os transtornos alimentares retratam um corpo real, e não o corpo erogeneizado e fonte pulsional. A Síndrome do Pânico, o estresse em todas as suas variações denunciam a angústia real em contraste à angústia sinal que evidencia a presença do desejo. A avidez pelo consumo, pelo corpo magro, a medicalização constante, a irritabilidade e a violência são manifestações, para Birman (2012), dessas novas cartografias do mal-estar, materializado no corpo e na ação.

O sujeito contemporâneo e o acolhimento ao padecimento psíquico

Pode-se pensar, portanto, que, na exacerbação das características dos tempos atuais, cujas intensidades de desmesura denunciam-se na força influente dos fatores culturais e sociais no processo de construção da subjetividade, cabe à Psicanálise resgatar sua essencial condição de estar na contramão de demandas que cerceiam sobremaneira a liberdade do sujeito psíquico. Desde os escritos de Freud a respeito da histeria, sabe-se que uma leitura sobre a produção do padecimento psíquico não pode prescindir do exame das condições sociais e his-

tóricas que a acompanham. O sujeito, como bem afirma Hornstein (2008), só pode ser compreendido imerso em um contexto “histórico-social, entramando práticas, discursos, sexualidade, ideais, desejos, ideologias e proibições” (p. 17).

Não tem sido tarefa fácil para a Psicanálise adentrar este cenário no qual parecem existir medicamentos para todos os males, sejam eles do espírito ou do corpo. Frente à facilidade da anestesia do sofrimento, muitas vezes é rechaçada a proposta psicanalítica de promoção de autonomia e liberdade, a qual só pode ser conquistada a partir da implicação do sujeito nas condições de produção de seu sofrimento. De acordo com Birman (2012), não é à toa que, justamente, o discurso da ciência hoje seja o da imagem, em detrimento do recurso da escuta e da palavra. São as neurociências com suas imagens e os clínicos alquimistas com seus medicamentos que detêm, na cultura pós-moderna, a verdade sobre o sujeito. À Psicanálise cabe, para o autor, o lugar de denunciante e de crítica frente a essa proposta de considerar o indivíduo como resultado de um funcionamento biológico.

Considerar, então, a proposição de um mal-estar contemporâneo, intrinsecamente relacionado ao paradigma cultural vigente desde os pressupostos psicanalíticos significa, necessariamente, lançar o olhar sobre o sujeito do padecimento psíquico. Tomando as reflexões de Pereira (2008), pode-se considerar o quanto o tratamento das dores da alma tem sido tratado, na atualidade, a partir de uma perspectiva normativa e normalizante. Como destaca o autor, a psiquiatria contemporânea, cada vez mais, tem se colocado no lugar de “posição de autoridade científica absoluta sobre os fundamentos das paixões e comportamentos humanos” (p. 509), provocando uma maciça alienação dos sujeitos em relação a seus padecimentos.

Pereira (2008) afirma que, ao tratar unicamente do sintoma, em detrimento da investigação sobre a etiologia da psicopatologia, a psiquiatria contemporânea tem reduzido os fenômenos psicopatológicos humanos a transtornos do comportamento. Para o autor, por estarem completamente desamparados no mundo, os homens agarram-se às certezas da lógica individualista capitalista e dos postulados da ciência. Corroborando estas ideias, Birman (2012) propõe que o sujeito

que não tem acolhido psiquicamente o seu sofrimento passa a recorrer a uma medicação que diminua seu desamparo. Como sublinha o autor, ao sujeito resta, então, medicalizar-se, pois desconhece outras vias de enfrentamento e não encontra uma relação de escuta que permita a construção de vias de elaboração psíquica de seu sofrimento.

Na esteira das demandas contemporâneas de apagamento da subjetividade, Martins (2008) destaca o quanto operou-se uma transformação das experiências humanas de tal forma a tornar o sofrimento um problema *técnico-médico de dor*, retirando-se, assim, a dimensão subjetiva presente nele. Por meio do processo de medicalização das experiências humanas, a psiquiatria voltou-se à analgesia, isto é, passou a considerar a dor como ultrajante, devendo, por isso, ser exterminada. Como consequência, “o indivíduo se torna consumidor devotado aos três ídolos –anestesia, supressão da angústia e gerência de suas sensações– o que fazem obter o sentimento e a fantasia de estar em boa saúde” (Martins, 2008, p. 333). Ao sujeito, salienta Birman (2012), já descrente de seu papel transformador e não atuante como agente de mudança, resta apenas a busca, através do hedonismo e da sensorialidade prazerosa, de alguma produção de gozo diante de tanta dor.

De fato, Pereira (2008) considera que a proposta contemporânea de tratamentos das enfermidades mentais deixa o sujeito totalmente alienado de sua posição como sujeito psíquico, desimplicando-se e sendo desimplicado de seu papel em seu próprio sofrimento. Dessa forma, todo o saber sobre o sujeito é exteriorizado para a figura do técnico portador do conhecimento da ciência: “o sujeito necessita, portanto, ser avaliado para descartar possíveis riscos para sua saúde mental e para prevenir a eclosão de perturbações para as quais estaria biologicamente predisposto” (Pereira, 2008, p. 511). Não é mera coincidência que essa situação atual remeta ao exercício da prática hipnótica, cujo motor residia no poder da sugestibilidade e no poder atribuído ao outro. São essas as condições com as quais Freud rompe para dar início ao que passa a denominar de Psicanálise (Freud, 1976a).

Assim, Pereira (2008) discute a existência de uma “medicalização da experiência”, tomando as proposições de Gori e Del Volgo (2008). A medicalização refere-se a uma

{...}busca incessante do diagnóstico psiquiátrico de perturbações que o indivíduo pode ser portador sem desconfiar da identificação de vulnerabilidades genéticas ou cognitivas, do levantamento de fatores de risco e a identificação precoce de comportamentos suscetíveis de expressar uma desordem psíquica (Pereira, 2008, p. 511).

Refere-se, portanto, à vigência de uma racionalidade normalizante e normativa, de legislação sobre o que é considerado normalidade e o que está fora dela. Na mesma perspectiva, Vaz (2015) aponta que a atual normatividade do bem-estar impulsiona o incremento da existência de novas concepções de doença, uma vez que qualquer alteração do bem-estar e percepção de sofrimento, convida o sujeito a perceber-se ou a ser considerado mentalmente adoecido.

A sociedade contemporânea sustentada na lógica capitalista de mercado e, portanto, tendo como eixo central o consumo, deixa intimamente conectados o *marketing* da venda de substâncias salvadoras e a consideração, por parte do sujeito, de si mesmo como um doente (Vaz, 2015). Nesse contexto, há doenças mais passíveis de serem “vendidas” e as mentais são privilegiadamente férteis a esta proposta. Ao contrário da concepção moderna de doença mental que presumia a ausência de contrapartida orgânica, na contemporaneidade estimula-se a relação com o biológico. Isto porque, como argumenta Vaz (2015), a partir da presunção de que um transtorno mental é resultado de um desequilíbrio químico, sobressai-se a possibilidade de um tratamento medicamentoso para ele. Nesta direção, imbricam-se, perigosamente, o paradigma cultural e seus efeitos na Desimplicação do sujeito com o si mesmo.

Ressignificar o legado, elaborar o luto e voltar a criar em Psicanálise

Ao mesmo tempo em que olhar retrospectivamente para o nascimento da Psicanálise faz com que possamos constatar a posição crítica, revolucionária e original ocupada por ela no cenário social e cultural da época, também neste movimento reside a retomada do modelo in-

investigativo freudiano frente às demandas de sua época. Com o intuito e a motivação de desvelar as danosas consequências de uma cultura repressiva em relação à sexualidade, Freud descobriu e denunciou a força do Inconsciente e da Sexualidade. Afirmou, por exemplo, com muita propriedade, serem os desejos interceptados que jogavam o sujeito nos padecimentos da neurose.

Dessa forma, acredita-se que, por meio do legado de Freud, e, principalmente, a partir da identificação com sua capacidade interrogativa, segue vigente a convocatória da Psicanálise: a produção de conhecimento comprometida com a abertura da teoria e da técnica frente aos desafios oriundos da clínica. Encontram-se, na obra freudiana, elementos suficientes que permitem afirmar o rigor e a especificidade desta disciplina e de suas condições como importante recurso de escuta e de trabalho com os padecimentos psíquicos.

Logo, é no caráter de abertura ao que ocorre em seu entorno e nos desafios à escuta analítica que se promove a amplitude e a atualidade da proposta original da Psicanálise. Neste sentido, as demandas próprias à clínica psicanalítica contemporânea não devem fomentar um retorno ou uma reprodução daquilo que derivou do caminho investigativo de Freud. Ao contrário, devem impulsionar a um exercício persistente de estímulo à interrogação e à investigação da complexidade dos fenômenos humanos e de consideração –mas não de submissão– às forças de resistência que se opõem à Psicanálise como teoria, método e técnica.

Conforme Hornstein (2008), a Psicanálise é contemporânea e avança desafiando os limites do analisável, fazendo operar novos territórios. Se, por um lado, é no reconhecimento de abertura e de incompletude do conhecimento psicanalítico que reside a condição essencial para que a Psicanálise siga fiel ao modelo freudiano investigativo que a fez nascer, por outro, torna-se imprescindível realizar uma leitura crítica dos conceitos psicanalíticos fomentando o avanço do conhecimento nesta disciplina. Hornstein (2008) assinala, nessa direção, que “herdar teorias exige definir seus princípios, seus métodos, seus fundamentos e suas finalidades. Herdar é efetuar uma leitura problemática, histórica e crítica diferenciando entre a história caduca

e o passado atual (os conceitos que ainda são valiosos)” (p. 138). Muitas vezes, na mera reprodução do legado freudiano, os psicanalistas perdem a condição de serem fiéis à originalidade do ensinamento de Freud: a capacidade de interrogar o conhecimento produzido a fim de não se prender a pretensões dogmáticas de saber.

A Psicanálise está em crise? Ou será uma crise dos psicanalistas? Um importante psicanalista recentemente falecido e criador de uma obra que retrata o fecundo exercício autônomo de pensamento psicanalítico, além do valor do diálogo constante com autores importantes da Psicanálise, contribui com questões que nos ajudam na reflexão da temática de cuja crise falamos. Trata-se de André Green, autor que, em muitos momentos, ocupou-se da crise da Psicanálise. De suas reflexões Green (2012) elenca alguns elementos que o ajudaram a compreender as mudanças em relação à Psicanálise. Para o autor, por exemplo, há resistências com relação à Psicanálise por seu caráter subversivo. Além disso, existem fatores científicos (rechaço por parte da ciência da existência de um psiquismo inconsciente), fatores econômicos (não inclusão da Psicanálise nas Políticas Públicas) e fatores culturais, como a dessubjetivação do homem na contemporaneidade.

Assim, sustenta Urribarri (2010) que a constatação da crise da Psicanálise não é feita por parte de Green sem o conhecimento dos aspectos externos (culturais, por exemplo) nela implicados. Todavia, Green destaca em sua análise o que é relativo à história da Psicanálise. Para ele, a fragmentação do saber psicanalítico e sua dispersão representa um dos fatores inquestionáveis para a crise dos psicanalistas, uma vez que se deu além do tolerável e impede que haja um mínimo de unidade, de identidade e de consenso entre os psicanalistas (Green, 2008). Por isso, pode-se afirmar que “a crise é definida como uma crise dos modelos (e dos movimentos) pós-freudianos devido ao seu dogmatismo intelectual, seu reducionismo teórico, seu esquematismo técnico e seus impasses frente aos desafios da clínica atual” (Urribarri, 2010, p. 17). De fato, André Green propõe que a crise da psicanálise pós-freudiana é uma crise “melancólica”, pois tem a marca do luto interminável pela morte de Freud. De maneira sintomática, cada autor pós-freudiano importante quis substituir Freud como fi-

gura principal, cada movimento militante buscou reviver a situação original dos pioneiros e do pai fundador (Urribarri, 2012).

Das inquietações de Green nasceu um projeto contemporâneo para a Psicanálise, o qual tem por objetivo construir uma matriz disciplinar, uma articulação de algumas perguntas e algumas diretrizes para orientar um programa de pesquisa que reconheça e aborde os desafios específicos da etapa atual (Green, 2010). Um dos elementos mais importantes do movimento contemporâneo que o diferencia dos seus predecessores é a construção de uma posição histórica (e historizante) de filiação pluralista a Freud: “o movimento contemporâneo postula como fundamento epistemológico o distanciamento inevitável e potencialmente fecundo com o pai fundador e sua Obra” (Urribarri, 2010, p. 18).

Trata-se de constatar nas reflexões de Green a proposta de um distanciamento respeitoso e fecundo a partir do qual se pode, efetivamente, exercitar o reconhecimento da originalidade da Psicanálise e sua vigência como teoria, método e técnica. Tal movimento deve levar em consideração o contexto contemporâneo e as modalidades de padecimentos psíquicos engendrados pelos destinos pulsionais do sujeito psíquico. Porém, o elemento chave neste projeto contemporâneo para a Psicanálise é inevitavelmente a pessoa do analista e sua resposta aos desafios clínicos.

Uma das inestimáveis contribuições de Green (2010) reside, assim, na proposição do conceito de *pensamento clínico*. Para o autor, existe em Psicanálise não somente uma teoria da clínica, mas também um *pensamento clínico*, isto é, um modo original e específico de racionalidade originado da experiência prática. Mesmo que esta elaboração envolva um nível de reflexão relativamente distante da clínica e possa não fazer referência explícita aos pacientes, *o pensamento clínico sempre faz pensar neles* (Green, 2010). O pensamento clínico se constitui, segundo o autor,

{...} da história do enfermo, da história da enfermidade, da história do tratamento, da compreensão das relações entre o passado e o

presente, da aplicação dos conceitos psicanalíticos (sexualidade infantil, fantasia inconsciente, complexo de Édipo) vistos do ângulo da especificidade da transferência (Green, 2010, p. 18).

É inegável na escrita de Green a exigência de que o psicanalista *pense como pensa* a clínica. Assim, baseando-se no conceito de pensamento clínico afirma-se a importância da figura do analista no processo psicanalítico e seu compromisso com a produção de conhecimento em Psicanálise a partir do enfrentamento da complexidade que envolve seu ofício. Green (2010) parte do princípio de que existe um hiato entre o exercício clínico e a produção de teoria. Para o autor, “o pensamento clínico deverá ter sempre presente essa lacuna e este resíduo impossível de eliminar, e aceitar que não podem ser preenchidos completamente” (p. 14). Por meio disso, cabe ao analista fazer com que a teoria já posta não o desapropriar de sua capacidade de criar.

A escuta do que é enunciado pelo sujeito de Inconsciente e o intenso trabalho do analista no cuidado e na atenção ao rigor e à especificidade de seu labor, possibilitam o genuíno exercício da Psicanálise. O laborar na clínica convoca o psicanalista a exercitar um pensamento comprometido com a descoberta, com a ética e com a condição de pensar sobre seu fazer. Pode-se afirmar que o pensamento clínico é a essência da clínica psicanalítica, uma vez que resgata e afirma a inegável condição de abertura e comprometimento daquele que escuta (Green, 2010).

Considerações Finais

O cuidado e o estímulo à manutenção de um pensamento clínico possibilitam à Psicanálise enfrentar o desafio contemporâneo de ceder à tentação da apresentação de verdades ilusórias e completudes que não se sustentam. Se, na época de Freud, o risco de reprimir as forças da sexualidade fazia o corpo sucumbir às expressões de dores neuróticas, hoje frente à intensidade de atos, adições, anorexias, patologias psicossomáticas, o risco é ceder à medicalização do espírito e à extin-

ção do sujeito. Nesse sentido, as expressões do mal-estar contemporâneo constituem um desafio à Psicanálise, pois, além de convocar o analista a qualificar sua condição de pensar a clínica, podem estimular e promover as condições para que a Psicanálise recupere um lugar de valor como leitura do humano e do seu entorno. Para tanto, é fundamental que os psicanalistas ocupem-se verdadeiramente da complexidade da Psicanálise, não mais reproduzindo o modelo freudiano ou quaisquer dos modelos pós-freudianos, mas efetivamente (re)criando as ferramentas de escuta e intervenção sobre o sujeito contemporâneo que padece psiquicamente. Concorda-se com Green (2011) quando afirma que é “impossível dissociar por completo a sorte da Psicanálise dos ideais da cultura na qual se expande, considerando, seja a tradição, seja o tempo desde o qual se fala” (p. 318). Assim, frente a este estado de coisas que denuncia o nomeado por Green (2011) como uma *decepção frente ao espírito*, exemplificado no desinteresse atual por valores espirituais e culturais, parece-nos que mais ainda tem a Psicanálise a trabalhar quando Eros perde território para Thanatos.

A compreensão da pós-modernidade e de seus efeitos nos processos de subjetivação são, então, fundamentais, pois permitem reconhecer os elementos culturais com os quais se defronta o sujeito. Considerar que a subjetividade é constituída na inter-relação não só com os demais sujeitos, bem como com as demandas culturais, permite ao psicanalista o reconhecimento de fatores que influenciam sobremaneira a época em que se vive. Todavia, é preciso sustentar que o olhar da Psicanálise é necessariamente distinto do olhar da Sociologia. Assim, não se constata as proposições da contemporaneidade para considerar somente seus efeitos no sujeito, mas, sobretudo, para conhecer o sujeito que produz a cultura.

Enfim, compartilha-se com Green a exigência da consolidação de um projeto contemporâneo para a Psicanálise. Quando da apresentação de seu texto sobre as “Orientações para uma Psicanálise Contemporânea”, Green (2008) adverte que um dos motivos para a necessidade dessas orientações é justamente a constatação da existência da Crise da Psicanálise, ainda que, para alguns psicanalistas, seja uma

constatação questionável, pois a crise seria, de fato, um momento passageiro. Green (2008), contudo, sustenta sua posição frente ao projeto psicanalítico:

{...}não sendo profeta, não me arriscaria a predizer o futuro. Contentar-me-ei em dizer que qualquer que seja a sorte que o futuro reserva à psicanálise, nossa tarefa presente é de combater, para que sobreviva hoje e que vença no futuro (p. 19).

Se ainda é evidente que a Psicanálise tem muito a dizer sobre o sujeito, seus complexos fenômenos e seus padecimentos, a crise dos psicanalistas mostra que é preciso trabalhar sobre o elemento chave do projeto contemporâneo para a Psicanálise, a saber, a pessoa do analista. Afinal, é somente com uma posição interrogativa, criativa, apropriada do legado psicanalítico e distante do dogmatismo que se poderão encontrar efetivas respostas aos desafios clínicos contemporâneos. Assinala-se, assim, para finalizar, que o valor e a pertinência do legado freudiano podem ser resumidos na complexa simplicidade da escrita de Green (2010): “nos situamos, definitivamente, depois de Freud, mas ainda permanecemos junto a ele para perguntarmos-nos por nosso saber” (p. 19). Por isso, na leitura e na intervenção frente às dores e aos amores do sujeito psíquico, segue vigente a Psicanálise.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2011). *Diálogos com Zygmunt Bauman. Fronteiras do Pensamento*. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=POZcBNo-D4A.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2009). *Cadernos sobre o mal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Dockhorn, C. N. B. F. & Macedo, M. M. K. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Psicologia Argumento*, 54(26), 217-224.

- Dockhorn, C. N. B. F. (2013). O sujeito da dor e suas formas de mal-estar. *SIG Revista de Psicanálise*, 2(1), 125-127.
- Freud, S. (1976a). História do movimento psicanalítico. In Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 14 (12-82). Rio de Janeiro: Imago, 1914.
- Freud, S. (1976b). Dois verbetes de enciclopedia. In Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 18 (283-312). Rio de Janeiro: Imago, 1923.
- Freud, S. (1976c). O mal-estar na civilização. In Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 21 (75-171). Rio de Janeiro: Imago, 1930.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (2011). *Ideas directrices para um psicoanálisis contemporâneo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (2012). El encuadre psicoanalítico: su interiorización en el analista y su aplicación en la práctica. *Revista de Psicoanálisis*, 69(1), 1-24.
- Gori, R. & Del Volgo, M-J. (2008). *Exilés de l'intime: la médecine et la psychiatrie au service du nouvel ordre économique*. Paris: Denoël.
- Homem, M. L. (2003). *Entre próteses e prozacs: o sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo*. *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro*. Recuperado de: http://www.egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/4_Homem_135161003_port.pdf.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões*. São Paulo: Via lettera.
- Hornstein, L. (2013). *Las encrucijadas actuales del psicoanálisis: subjetividad y vida cotidiana*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Macedo, M. K. & Dockhorn, C. B. F. (2009). La prisión del ser: un problema contemporâneo. *Revista de Psicología*, 27(2), 161-187.
- Maia, M. S. (2003). *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Martins, A. L. B. (2008). Biopsiquiatria e bioidentidade: política da subjetividade contemporânea. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 331-339.
- Millan, M. (2002). *Tempo e subjetividade no mundo contemporâneo: ressonâncias na clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pereira, M. E. C. (2008). A saúde mental e a razão sanitária. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 11(3), 509-513.
- Urribarri, F. (2010). André Green: paixão clínica, pensamento complexo. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, (10), 11-43.

- Urribarri, F . (2012). André Green: la clínica contemporánea y el encuadre interno del analista. *Revista de Psicoanálisis*, 69(1), 25-39.
- Vaz, P. (2015). Do normal ao Consumidor: conceito de doença e medicamento na contemporaneidade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18(1), 51-68. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982015000100051&script=sci_arttext&tlng=en.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /

Para citar este artigo (APA):

Kother-Macedo, Mônica Medeiros; Neumann de Barros- Falcão, Carolina, & Lopes-lensen, Silvio (2016). Sujeito, dores e amores ou o porquê da psicanálise (ainda). *Revista Affectio Societatis* 13(25), 170-191. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>